

fundidade de cinco palmos; tambem não tem pernas porem mostra que de proposito se fez sem ellas; ainda assim tem sette palmos e meio de altura: o seu ornato he de hum escudo no peito e de hum cutello na mão e saia de malha, e tudo labrado no melhor primor. Tenho mandado fazer exactas diligencias pela cabeça porem não se tem achado, e por dezejar que não fosse imperfeita se tem demorado a remessa e tambem, porque me pareceo perguntar primeiro a V. Ex.^a se assim mesmo quer que a remetta.

Os Piemontezezes estão impacientes pelo Modello, por lhe aborreer estarem ociozos. O velho me diz que se lembra de um arbitrio de sacar um bom fundo do corpo do comercio sem o onerar, e sem prejudicar o Povo, e me roga que eu peça licença a V. Ex.^a para elle o por na sua presença, o que sem ella não quer fazer: porque conhece não ser proprio da sua profissão o produzir arbitrios.

Deus guarde a V. Ex.^a muitos anos. Montalegre 11 de Dezembro de 1786. De V. Ex.^a o mais humilde servidor, *Miguel Pereira de Barros*.

(Biblioteca Nacional, *Arquivo da Marinha*, maço sem número).

PEDRO DE AZEVEDO.

Miscelânia

II

1. Antigualhas romanas

Na quinta de Santo Antonio (Vila Nova da Cerveira), no flanco de uma montanha, aparece a bastante profundidade, quando se cava o terreno, muita quantidade de cacos antigos, de diversas fórmas e tamanhos, e tambem pedras providas de orificios, como pesos. Aí aparecem igualmente alicerces de casas, algumas d'elas, como me informam, redondas.

O Sr. João Coelho, de Viana do Castelo, teve a bondade de dar ao Museu Etnologico, em 1920, os quatro objectos que passo a descrever, e que foram encontrados na referida localidade:

1) Uma pedra, como as de que já falei, provida de um orificio; num dos lados vê-se, acima d'este, um sulco, que, se não é natural, resultou do atrito do cordão que a segurava. Que pode ser esta pedra senão um pêso? É analoga a outras que existem no Museu Etnologico, vindas do castro de Santa Luzia, e dos arredores, e a



Fig. 1

outra que se publicou a p. 20 do vol. VIII d-*O Archeologo* (onde se diz que o desenho é de tamanho natural, indicação certamente er-

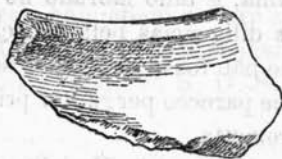


Fig. 2



Fig. 3

rada). Digo que a pedra será pêso; mas pêso de pesar, ou de segurar alguma cousa junto da qual se pendurava. A pedra era originariamente um seixo rolado das águas. Altura: 0^m,166. Fig. 1.

2) Fragmento do pescoço e colo de um vaso de barro avermelhado, com muita mica, o qual tem vestigios de ter estado ao lume (panela ou panêlo). Comprimento d'este fragmento: 0^m,076. Fig. 2.

3) Outro fragmento, maior que o anterior, do pescoço de um vaso de barro ainda com vestigio de bojo; ao meio da altura do pescoço, por fóra, ha um sulco ornamental que devia dar volta inteira; este fragmento contém tambem alguma mica. Comprimento: 0^m,108. Fig. 3.

4) Fragmento da parte superior de um pote muito grande e grosso, com cinco rosetas ornamentais, feitas com carimbo, quando o barro ainda estava fresco, e dispostas em duas filas paralelas, estando duas rosetas na fila superior e tres na



Fig. 4

inferior, simetricas umas com as outras. Comprimento d'este fragmento: 0^m,98. Fig. 4. No Museu Etnologico ha outros restos de vasos de um castro do concelho de Marco de Canaveses, tambem marcados com carimbo, sendo porém menores as marcas. Ao repente este fragmento parece que tinha interior a ornamentação, que exame minucioso mostrará ser exterior; todavia ha no Museu Etnologico um vaso do castro de S. Miguel o Anjo, tambem no Alto-Minho, o qual tem ornamentação interna (digital): vid. Alves Pereira, in *O Arch. Port.*, I, 171.

No último dos quatro objectos, que ficam descritos, parece-me, pela natureza da pasta, haver influencia romana; os outros três devem datar de tempos pre-romanos, isto é, da epoca do ferro.

2. De Monsanto da Beira

Nos arredores de Monsanto da Beira (região dos *Igæditani* ou «Igeditanos») apparecem com freqüência antigualhas romanas,—lápides, objectos de ferro, moedas, etc.: ao que se fez allusão n-*O Arch. Port.*, XXII, 303 sgs.

Fica em um d'esses arredores o sitio de Mossanto, onde ultimamente se encontraram tres vasos romanos, que vão aqui figurados com os n.ºs 1, 2 e 3, e foram oferecidos ao Museu pela minha



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3

aluna universitaria D. Silvia Viana, natural de Monsanto, e filha do Sr. Bartolomeu Viana, a que me referi no citado volume d-*O Archeologo*, p. 305.

Os tres vasos são de barro: um (n.º 1) de barro preto, os outros de barro avermelhado; todos eles feitos com rodas de oleiro.

O n.º 1, de 0^m,0145 de diametro na bôca, pertence ao tipo que os archeologos chamam *olla*, e que em Lisboa se chamaria «tacho».

O n.º 2, esborcinado no gargalo, e de 0^m,193 de altura, é uma *lagena*, especie de «amotolia» sem bico.

O n.º 3, de 0^m,94 de altura, e com duas asas, é um *poculum* ou «copo».

3. Museu Português da Grande Guerra

«O chefe do Gabinete da Secretaria da Guerra, Sr. Coronel Amilcar Mota, visitou ontem as instalações provisórias do Museu Português da Grande Guerra, instalado na Biblioteca Nacional.

O Sr. Mota observou detidamente a grande porção de objectos que o Museu já possui. É provável que devido à iniciativa particular o Museu Português possa em breve competir com os seus similares de França e de Inglaterra, criados também recentemente».

(Do *Diario de Noticias*, de 17 de Janeiro de 1918).

Este Museu, que não chegou a ter importância nenhuma, foi logo transferido da Biblioteca para o Museu de Artilharia, e pouco depois extinto. Vid. Fidelino de Figueiredo, *Como dirigi a Biblioteca Nacional*, Lisboa 1919, p. 25.

4. Antigualhas de Braga

O ilustre escritor Antero de Figueiredo, meu parente e amigo, ofereceu-me em Agosto d'este ano alguns objectos antigos, achados em Araga, que passo a descrever:

1) Uma rodela feita de um pedaço de *terra sigillata*, na qual se vê um resto de ornato (palma): fig. 1.

2) Outra rodela, um pouco menor, feita do fundo de um vaso de barro avermelhado, fundo em que se vêem uns traços sem importância, resultado do fabrico (espiral e outras curvas): fig. 2.

3) Outra rodela, menor que a precedente, feita de outro fragmento de vaso, também avermelhado: fig. 3.

Estas rodelas (ou discos) são analogas á de que falei na *História do Museu Etnologico*, p. 185, e nota; mas ao passo que as últimas



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3

provêm de estações pre-romanas, as de Bragá são manifestamente da época romana, como consta do primeiro disco. Já n-*O Archeologo Português* mencionei um disco bracarense, com inscrição latina, o qual pertence á mesma categoria. De tais discos ou rodelas, que provisoriamente podemos chamar «tesseras de jôgo», há outros exemplares no Museu Etnologico.

4) Um fragmento de lucerna (candeia) de barro: pedaço do *discus* ou parte superior do *infundibulum* (recipiente), ornamentada de globulos na orla ou *margo*, e com duas aves no campo, junto da *ansa*.

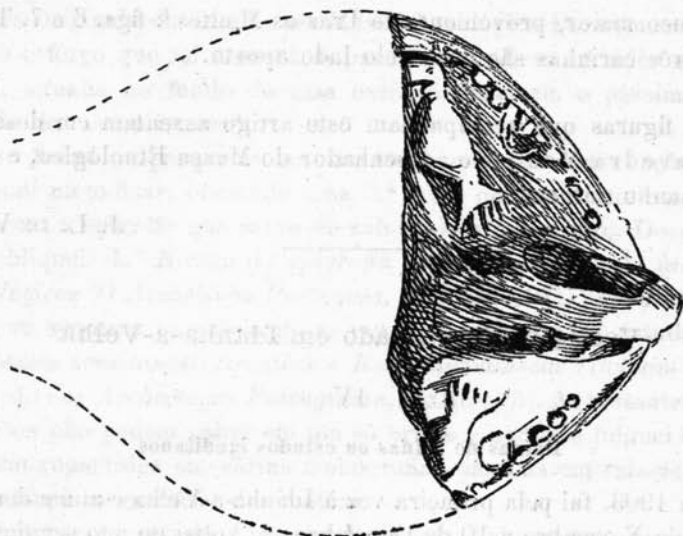


Fig. 4

Conheço muitas lucernas em que se figuram aves, não porém nesta disposição. A lucerna de que estou falando deve provir do sec. II ou III da era cristã. Fig. 4.

Com estes quatro objectos romanos vinha a carinha, também de barro, reproduzida na fig. 5. Não posso dizer a que epoca pertence,



Fig. 5



Fig. 7



Fig. 6

e apenas acrescento que no Museu Etnologico havia mais duas carinhas de barro, uma quasi igual, proveniente de Peniche¹, e outra

¹ Oferecida ao Museu pelo D.^{or} Joaquim Manuel Correia, Advogado nas Caldas da Rainha.

um pouco maior, proveniente de Trás-os-Montes ¹: figs. 6 e 7. Todas estas três carinhas são ôcas pelo lado oposto.

As figuras que acompanham êste artigo assentam em desenhos de Saavedra Machado, desenhador do Museu Etnológico, e estão de tamanho natural.

J. L. DE V.

Vestígios do passado em Idanha-a-Velha

IV

Ruínas de ruínas ou estudos igeditanos

Em 1903, fui pela primeira vez à Idanha-a-Velha e aí me demorei de 18 de Novembro a 10 de Dezembro. Aí voltei no ano seguinte em Maio e Junho e nòvamente em 1910². O encargo official, que eu levava, como funcionário do Museu Etnológico Português, era o de estudar, especialmente, os notáveis restos epigráficos que abundavam naquela povoação, segundo os historiógrafos portugueses e nomeadamente segundo E. Hübner no seu *Corpus Inscriptionum Latinarum*, fazendo as possíveis aquisições de lápides para enriquecimento do Museu.

Como era natural para quem trabalhava com paixão arqueológica, não limitei nem à povoação de Idanha-a-Velha a minha excursão, nem à época romana as minhas investigações. Percorri algumas outras terras mesmo excêntricas do que lá chamam a *campanha* da Idanha; Alcafozes, Monsanto, Medelim, Alcains, Vale de Prazeres, Bemposta, Proença-a-Velha, Idanha-a-Nova e pontos intermediários foram por mim percorridos com curiosidade. Na Idanha-a-Velha tive, para trabalhos de moldagem de lápides em 1904, um devotadíssimo auxiliar, que desgraçadamente a morte já levou, Guilherme Clodomiro Gameiro. O seu trabalho durante o mês de Junho de 1904 foi colossal; bastará olhar para as reproduções de gêsso, que completam as

¹ Da quinta da Macieirinha, freguesia de Carviçais (Moncorvo), oferecida pelo Rev.^o José Augusto Tavares, Abade da mesma freguesia.

² Cf. *História do Museu Etnológico Português* pelo Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, pp. 326, 327, 332, e *Archeologo Português*, IX, 38; X, 45; XIV, 169.